



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

**Dossiê: Indígena? Presente! Processos (Inter)culturais de
apropriação territorial e (trans)formação identitária indígena em
diferentes contextos temporais e espaciais**

V 10 | n 19 | jul-dez 2021

**Oficinas de produção de artesanato na Terra
Indígena Toldo Chibanguê, Chapecó-SC**

Jaisson Teixeira Lino; Elisana Reis da Silva; Felipe Luiz Montemezzo



Edição eletrônica

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nauu.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

LINO, Jaisson Teixeira; SILVA, Elisana Reis da; MONTEMEZZO, Felipe Luiz. Oficinas de produção de artesanato na Terra Indígena Toldo Chibanguê, Chapecó-SC. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 304-320, jul-dez 2021. Semestral.

© NAUI

Oficinas de produção de artesanato na Terra Indígena Toldo Chibangue, Chapecó-SC

Jaisson Teixeira Lino¹

Elisana Reis da Silva²

Felipe Luiz Montemezzo³

Resumo

No artigo, procuramos analisar a criação de oficinas de produção de artesanato pela EIEF Fen'nó, localizada na TI Toldo Chibangue, município de Chapecó-SC, realizadas desde o ano 2000, visando à exposição e à venda de artesanatos nas semanas culturais realizadas na “Semana do Índio”. A escolha das atividades desenvolvidas e os artefatos produzidos pela comunidade durante as oficinas foram percebidos à luz da história da cultura material. Investigamos se a produção de artefatos nas oficinas está inserida em um processo de revalorização da cultura material e qual a importância atribuída a eles na representatividade da identidade Kaingang construída pela comunidade.

Palavras-chave: Artesanato Indígena; Povo Kaingang; Cultura Material.

Abstract

In the article, we pursued to analyze the creation of indigenous crafts workshops by EIEF Fen'nó, located in the TI Toldo Chibangue, municipality of Chapecó – SC, being performed since the year 2000 the annual fair seeks to exhibit and market the crafts in the cultural week performed on the Indigenous People week. The choice of the activities and artifacts developed during the workshops were perceived in the light of material culture history. We investigated if the production of the artefacts in the workshops is inserted in a revitalization process of the

¹ Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Pós-Doutor em Arqueologia pela Universidade de Amsterdã, Holanda. Email: lino@uffs.edu.br

² Professora no Colégio Logosófico, unidade Chapecó. Licenciada em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Especialista em Tendências para o Ensino de História em Geografia pela Universidade Anhanguera Uniderp. Email: elisanareis@gmail.com

³ Professor na Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó. Licenciado em Matemática pela Faculdade Educacional da Lapa. Especialista em Metodologias Ativas e TDICs na Educação pela Universidade Anhanguera Uniderp. Email: felipemontemezzo@hotmail.com

material culture and which is the importance attached to it on the representativeness of the Kaingang Identity build by the community.

Keywords: Indigenous Crafts; Kaingang People; Material Culture.

Introdução

A Terra Indígena Toldo Chibanguê está localizada a 14km do centro do município de Chapecó. É uma comunidade indígena Kaingang com 143 famílias e aproximadamente 630 habitantes. Além dos Kaingang, residem nessa comunidade 24 famílias Guarani⁴, com aproximadamente 112 pessoas, as quais foram acolhidas durante o processo de luta por suas terras ancestrais, que se estende há anos⁵.

O mesmo aconteceu no Toldo Chibanguê. A retomada das terras pelos indígenas foi resultado de uma luta que durou décadas entre agricultores assentados por companhias colonizadoras no local e índios: “O Toldo Chibanguê foi a primeira terra no Brasil devolvida aos indígenas depois de ter sido toda ela escriturada em nome de terceiros” (BRIGHENTI, 2014). Em 1985, 988 hectares foram recuperados e, em 2006, mais 975 hectares de terra voltaram para as mãos dos Kaingang.

Uma das principais líderes do movimento de retomada da terra indígena foi Ana da Luz Fortes do Nascimento (1917-2014), a índia Fen'nó. Resistindo ao processo de aldeamento e confinamento indígena ocorridos durante os séculos passados, ela nunca deixou a região do Toldo Chibanguê e liderou uma intensa batalha pela posse da terra em plena ditadura militar (BRIGHENTI, 2014). A escola da comunidade foi nomeada em sua homenagem.

A escola da comunidade iniciou seu funcionamento com o nome Escola Isolada Irani, e atendia somente os alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Em junho de 2004, a escola mudou de nome para Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó, atendendo à demanda da comunidade, e passou a funcionar com o ensino fundamental completo. No ano de

⁴ A EIEF Fen'nó possui em seu currículo disciplinas e atividades específicas para os indígenas Guarani que residem na comunidade (Língua Guarani e Arte Guarani). Durante o ano letivo, muitas trocas de saberes entre as etnias Kaingang e Guarani ocorrem nos ambientes da escola. Especificamente a respeito do artesanato indígena, durante as semanas que antecedem o Dia do Índio, nas quais ocorrem diversas oficinas de artesanato, artefatos específicos da cultura Guarani são produzidos, como as esculturas de madeira, bem como os demais objetos confeccionados levam os grafismos próprios da cultura Guarani. No entanto, este artigo se restringirá à análise dos artefatos produzidos pela etnia Kaingang durante as oficinas de artesanato realizadas pela comunidade.

⁵ As informações referentes à demografia da comunidade indígena foram obtidas na Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó, a qual atualiza seus dados anualmente.

2014, por nova demanda da comunidade, a escola passou a funcionar até os últimos anos da educação básica e até o momento formou duas turmas de Ensino Médio. Atualmente, a EIEF Fen'nó possui aproximadamente 190 alunos entre indígenas das etnias Kaingang, Guarani e não-indígenas e possui turmas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PPP, 2018).

Desde o ano 2000, a EIEF Fen'nó realiza periodicamente oficinas de produção de artesanato indígena de forma colaborativa com a comunidade. O conhecimento da elaboração de artefatos indígenas é geralmente adquirido através da observação sistemática e experimentação ao longo de muitas gerações. O artesanato remete às tradições da comunidade e ao que ela identifica como suas marcas distintas, específicas de sua identidade. Portanto, é extremamente significativo identitária e simbolicamente para as comunidades indígenas de modo geral:

“O papel fundamental do artesanato – seu valor absoluto: testemunhar a vida, dar peso, importância, felicidades ao cotidiano, seja pela eficácia mágica atribuída aos objetos rituais e de adorno, seja pela própria utilidade intrínseca das peças destinadas à facilitação do existir” (RIBEIRO, 1983 *apud* SAVORO *et al.*, 2006, p. 34).

O estudo das produções artesanais das comunidades indígenas insere-se num conjunto mais amplo de análise da cultura material produzida pelas comunidades. Segundo Savoro:

O estudo da cultura material e das artes nas sociedades indígenas nos diz muito sobre o modo de vida nestas sociedades. Permite que conheçamos não somente suas singularidades, mas também aquilo que compartilham umas com as outras e que as distingue da sociedade ocidental (SAVORO *et al.*, 2006, p. 32).

A cultura material pode ser compreendida como a totalidade de artefatos produzidos ou modificados pelos seres humanos com os mais diferentes propósitos: “são as estruturas, objetos e modificações que compõem os nossos espaços de lazer, trabalho, moradia, entre inúmeras outras possibilidades” (FUNARI; CARVALHO, 2009, p. 4).

O presente trabalho foi realizado a partir de fontes diversas, tais como: revisão bibliográfica do tema, entrevistas que estão disponíveis em *sites*, publicações e fotografias do acervo da escola, documentos norteadores para a educação indígena e aqueles produzidos pela própria comunidade escolar, como o PPP, além da observação dos autores *in loco*, sendo que um dos autores trabalha na EIEF Fen'nó e participa das oficinas de produção de artesanato há uma década.

A seguir, analisaremos o motivo da criação de oficinas de produção de artesanato pela Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'no, a escolha das atividades desenvolvidas durante as oficinas e os artefatos produzidos pela comunidade no período de sua realização. Investigaremos se a produção de artefatos nas oficinas está inserida em um processo de revalorização da cultura material e qual a importância atribuída a eles na representatividade da identidade Kaingang construída pela comunidade.

As oficinas de artesanato na Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'no

Segundo Ballivián (2011, p. 16), “artesanato é o resultado do trabalho manual [...] É uma expressão de saber acumulado através da arte, da criatividade e da habilidade”. Sua aplicação e utilidade respondem tanto às necessidades cotidianas e domésticas (no transporte e armazenamento de alimentos, artefatos de caça etc.), quanto ao uso de adornos e enfeites, como uma expressão artística e recreativa. O autor salienta que o artesanato é “expressão da visão de mundo, do modo de pensar e de viver, de crenças, de relacionar-se, adaptar-se ao meio. O artesanato é uma forma de transformar a natureza em cultura material” (BALLIVIÁN, 2011, p. 28).

O artesanato indígena associa beleza e utilidade, porque é feito dentro da concepção cultural dos artesãos e sempre será parte da identidade de quem o faz. Existe um valor simbólico agregado a cada objeto vinculado a uma cultura, valor em si relacionado à identidade, à matéria-prima conhecida, às formas de relacionamento, ao status social, dentre outros. Simbolicamente, o artesanato é também uma maneira de caracterizar a identidade das pessoas, é como um selo que diferencia culturalmente um grupo do outro:

O conjunto de objetos incorporados à vivência de uma determinada sociedade indígena expressa concretamente significados de concepções daquela sociedade, bem como a representa e a identifica. Enquanto a arte, em cada peça produzida existe também uma preocupação estética, identificando o artesão que a produziu e aquela sociedade da qual ela é cultura material (BALLIVIÁN, 2011, p. 23).

O artesanato indígena Kaingang expressa a identidade e especificidade desse povo e promove o seu reconhecimento étnico. Nas últimas décadas, o artesanato passou a ter maior relevância para muitas famílias Kaingang, uma vez que é considerada uma das principais atividades geradoras de renda para os indígenas da região sul do Brasil (DARELLA, 2018).

O ano 2000 ficou marcado por comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil⁶ e também por uma mobilização nacional dos povos indígenas questionando a ideia de descobrimento e reivindicando demarcações de terras indígenas e a regulamentação de direitos⁷. A Semana Cultural Kaingang e Guarani, realizada na TI Toldo Chimbangue foi idealizada pela comunidade neste momento, como manifestação contrária às comemorações dos 500 anos do Brasil, como explica o professor indígena João Antunes:

A semana cultural Kaingang e Guarani da Terra Indígena Toldo Chimbangue foi criada no ano de 2000, realizada pela primeira vez na antiga Escola Indígena de Ensino Fundamental Irani, na Terra Indígena Toldo Chimbangue. A realização foi uma iniciativa da escola juntamente com a comunidade como manifesto às comemorações dos 500 anos do Brasil. A partir disso, tornou-se uma prática permanente da comunidade do Toldo Chimbangue, realizada todos os anos no mês de abril, período em que acontece a semana de manifestações dos povos indígenas do Brasil (ANTUNES, 2011).

A professora Janete da Veiga, no relatório da Semana Cultural de 2006, explicou como a primeira Semana Cultural foi organizada pela comunidade:

A partir de 2000, a comunidade se reuniu e começou a desenvolver apresentações que mostravam como é, de fato, a cultura indígena. A primeira iniciativa foi na Escola de Ensino Fundamental Irani, que atendia da primeira à quarta série, na década de noventa, que não teve nenhum registro. No ano de 2000, na Escola Básica Sede Trentin, o coletivo de professores uniu-se junto à comunidade indígena e iniciou a Semana Cultural (SAVOLDI, 2013, p. 262).

Para a Semana Cultural, a comunidade prepara uma série de apresentações e confecciona diferentes artesanatos, como arcos e flechas, lanças, tecem roupas a partir do falso tronco da bananeira, brincos, pulseiras, colares, anéis, filtros dos sonhos, canetas e cestos, os quais serão utilizados durante as apresentações e/ou vendidos durante a semana.

⁶ A respeito dos diferentes termos utilizados para fazer referência ao início da colonização das terras brasileiras ver, por exemplo, Fausto (2001). Optou-se por utilizar o termo mais popularizado acerca do processo de conquista e colonização empreendido pelos portugueses no território hoje conhecido como o Brasil, ainda que entre aspas. No entanto, é importante ressaltar que o território brasileiro não foi descoberto ou “achado”, pois não era uma terra vazia e sim ocupada por milhões de nativos que compunham centenas de etnias diferentes, os quais foram violentados de inúmeras maneiras a partir deste momento e até hoje lutam por respeito e pelo reconhecimento da legitimidade de suas culturas ancestrais.

⁷ As manifestações indígenas foram cobertas pela imprensa nacional (como exemplo ver FRANÇA, 2000; DIÁRIO DO GRANDE ABC, 2000) e foram o foco da Conferência Nacional dos Povos Indígenas daquele ano (FUNAI, 2000). Para maiores informações a respeito das reivindicações indígenas que as motivaram ver, por exemplo, KOCH, 1999.

A Semana Cultural é muito importante para a comunidade. Segundo o professor Kaingang João Batista, “O objetivo é que os não-índios nos vejam como seres humanos e nos tratem com respeito” (SAVOLDI, 2013, p. 263). Durante os meses de março e abril, a escola se prepara para apresentar a sua visão a respeito da cultura Kaingang para os não-índios que irão visitá-los durante a semana de exposição, e se fortalece e reafirma culturalmente, pois este é também o momento em que conhecimentos importantes da cultura indígena são repassados para as novas gerações:

este é também o momento em que toda a escola, poderia se dizer toda a comunidade, se empenha em aprender e ensinar a respeito da cultura Kaingang. Este período marca definitivamente um momento de intenso aprendizado por parte das crianças sobre aspectos tradicionais que não são mais praticados e que são passados para elas dentro deste período que vai desde os preparativos até o momento em que acontece a Semana Cultural. Mais do que mostrar para os outros quem são os Kaingang, este é o momento em que as crianças aprendem sobre quem são elas, e como viviam os seus ancestrais antigamente (LIMULJA, 2007, p. 83).

Historicamente, o artesanato é parte integrante da cultura indígena e tradicionalmente é uma atividade de caráter familiar, na qual os membros do grupo familiar realizam todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima até o acabamento final do objeto. A confecção de cestarias, brincos, colares, entre outros, é um conhecimento passado de geração em geração de pais para filhos, de avós para netos (BALLIVÁN, 2011).

No entanto, atualmente na Terra Indígena Toldo Chimbangue, nem todos os estudantes indígenas produzem ou aprendem a produzir artesanato em seus núcleos familiares. Porém, na escola, são realizadas desde o ano 2000 oficinas para aprendizado da produção de artesanato indígena periodicamente, com o objetivo de preparar a escola e a comunidade para receber o público não-indígena que a visita durante a Semana Cultural Kaingang e Guarani. Segundo o professor Kaingang João Antunes, as oficinas de artesanato têm “como principal objetivo fazer o resgate desta parte específica da cultura indígena, pois muitos jovens indígenas não sabem fazer o artesanato, ou quando sabem não realizam esta prática com frequência” (ANTUNES, 2015).

Desta forma, a iniciativa de promover a Semana Cultural e as oficinas de artesanato todos os anos insere-se na proposta de ensino-aprendizagem da Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó, a qual, segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, “acontece baseada no contexto da interdisciplinaridade, buscando revitalizar e fortalecer a cultura dos

grupos indígenas que passaram por uma rigorosa descaracterização no processo de colonização e povoamento da região oeste de Santa Catarina” (PPP, 2018, p. 3).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena de 1998 determina que a educação escolar indígena constitui-se a partir da efetivação de um currículo diferenciado e deve acontecer de acordo a atender os anseios e necessidades da comunidade escolar. Ela é, portanto, comunitária e deve ser:

conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada (RCNEI, 1998, p. 24).

Um dos objetivos da EIEF Fen'nó exposto em seu PPP é “que o educando possa compreender os conhecimentos expostos, interagindo com sua vivência e comunidade. Estabelecendo possíveis relações sociais, não se afastando de sua cultura” (PPP, 2018, p. 3). As oficinas de artesanato configuram-se, portanto, em mecanismo de aproximação do educando com suas tradições culturais, expressas materialmente no artesanato. As oficinas se configuram como um instrumento de consolidação dos objetivos escolares e estão diretamente alinhadas com o que se propõe para a Educação Indígena em âmbito nacional.

As oficinas realizadas na EIEF Fen'no ocorrem há 19 anos e, portanto, já foram organizadas de diversas maneiras. Em algumas oficinas, os alunos participam de todas as etapas de produção do artesanato: coleta do material, preparação da matéria-prima e a confecção dos artefatos. Em outras, principalmente as direcionadas para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, os professores já deixam a matéria-prima coletada e preparada, para adiantar o andamento das atividades.

No entanto, caso os alunos estejam envolvidos ou não em todas as etapas de preparo, elas seguem uma ordem e são constantemente repetidas pelos artesãos e aprendizes. Abaixo, serão descritas todas as etapas de produção de artesanato a partir das oficinas observadas na Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó.

Preparação para a atividade

As oficinas geralmente começam com os professores da escola ou professores visitantes e anciãos da comunidade explicando para os alunos a importância do artesanato no cotidiano

do povo Kaingang, contando histórias de como seus ancestrais o utilizavam. Algumas vezes, exibem-se vídeos de como outras comunidades estão resgatando a prática da confecção do artesanato nas escolas.

Nesta etapa, os alunos são reunidos na área coberta da escola ou na casa de algum ancião da comunidade. Os tópicos desta conversa inicial são constantemente retomados ao longo da coleta dos materiais e da produção dos artefatos, na mata da Terra Indígena e no pátio da Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó.

Coleta da matéria-prima

Após a preparação da atividade, os professores, anciãos e alunos indígenas vão coletar os materiais necessários para a confecção dos artefatos. Na TI Toldo Chimbangue, os materiais mais utilizados são: taquara-criciúma, taquara mansa, cipó *goj me*, bambu, porongos, madeira, penas, sementes e o falso tronco da bananeira. Outros tipos de taquara eram utilizados pelos Kaingang para a confecção de artesanato, mas atualmente somente a taquara mansa e a taquara criciúma são encontradas na TI, e em pequena quantidade. O cipó também é matéria-prima escassa: “O cipó *goj me* (cipó de banana *kó*) é difícil de encontrar na comunidade, pois algumas famílias tiram o pouco que ainda tem para a confecção de seus artesanatos” (DARELLA, 2018, p. 106).

Por vezes, os anciãos, professores e estudantes indígenas caminham por quilômetros em busca da matéria-prima desejada, cada vez mais escassa, e, enquanto o fazem, vão conversando sobre o modo de vida tradicional dos Kaingang, quais plantas são adequadas para servir como matéria-prima para a produção do artesanato e como algumas delas foram substituídas ao longo do tempo (DARELLA, 2018).

Preparação da matéria-prima e confecção dos artefatos

Para a confecção de arcos, flechas e lanças, são utilizados troncos de madeira que são considerados de fácil lascamento. A madeira precisa estar murcha, por isso, ela é colhida dias antes de ser modificada pelos artesãos. Depois que ela murcha (cerca de dois ou três dias) é que é retirada sua casca (DARELLA, 2018). Utilizando facas, os indígenas vão moldando a madeira até que o objeto almejado seja formado. Depois, o artefato é colorido utilizando tintas artificiais e/ou enfeitado com penas e plumas.

Para a produção de arcos, seleciona-se um tronco mais linear, de boa espessura e de fácil

lascamento. O tamanho do tronco depende do tamanho do arco desejado.

Figura 1 – Estudantes descascando a madeira para criar flechas na quadra da EIEF Fen'nó.



Fonte: Acervo da EIEF Fen'nó, 2018.

As taquaras são utilizadas para criar trançados em cestarias e adornos, como anéis e pulseiras. Segundo Berta Ribeiro:

Cestaria é o conjunto de objetos – cestos-recipientes, cestos-coadores, cestos-cargueiros, armadilhas de pesca e outros – obtidos pelo trançado de elementos vegetais flexíveis ou semirrígidos usados para transporte de carga e armazenagem, receptáculo, ou coador. Variam em tamanho, forma, decoração, técnica de manufatura, mas obedecem basicamente às exigências ditadas por sua funcionalidade (RIBEIRO, 1998, p. 38).

Para a confecção de cestarias ou balaios, a taquara é cortada, destalada, secada ao sol, pintada com anilina em pó e novamente secada, para finalmente começar a confecção do cesto. Para colorir as tiras de taquara, os indígenas fazem uma fogueira em local aberto, colocam um pote de anilina em uma panela com água e a diluem, depois as tiras de taquara são colocadas na panela e são fervidas por algum tempo, sendo mexidas ocasionalmente. Então, as tiras são postas no sol para secar e, quando secas, podem ser trançadas. Devido à escassez das matérias-

primas tradicionalmente utilizadas, as tintas naturais, antes retiradas do urucum, cipós e taquaras, tiveram que ser substituídas pela anilina. Como consequência, a cestaria pode ser mais colorida e atrativa para o comércio (D'AMBROSIO, 2013).

Segundo o professor indígena Marcos Garcia, “o balaio ou a cesta significa várias direções dos pensamentos: exige concentração no momento em que o Kaingang o está confeccionando. Se a pessoa está irada ou com mal-estar, quando trança a cesta esquece tudo o que está acontecendo” (BALLIVIÁN, 2011, p. 223).

Os Kaingang do Toldo Chimbangue acreditam que a fase da lua em que a taquara é colhida influencia na qualidade do artesanato confeccionado: “Os Kaingang procuram coletar o material na lua cheia ou na lua minguante, para que o artesanato dure um bom tempo. Se coletarem em outra época, o material durará menos. Quando coletado na lua nova, o material pode pegar caruncho facilmente” (BALLIVIÁN, 2011, p. 223).

Figura 2 – Trançado sendo feito por professora indígena para confecção de cestaria no pátio da EIEF Fe'nó.



Fonte: Acervo da EIEF Fe'nó, 2018.

Os adornos de uso pessoal, como colares, pulseiras e anéis, são objetos utilizados sobre o corpo, envolvendo parte do corpo ou interferindo nele. Os adornos têm significado dentro da sociedade, denotando status social, religioso, econômico, cultural, entre outros. A confecção de peças para adorno pode ser feita para uso diário ou para momentos especiais: cerimoniais, religiosos e/ou de festa (BALLIVIÁN, 2011).

Para a decoração de canetas e para a confecção de pulseiras e anéis, taquaras e cipós são raspados e descascados, e as raspas oriundas da casca destes materiais são embebidas em água para murchar e tornarem-se mais maleáveis e resistentes, adquirindo flexibilidade e permitindo o trançado delicado. Depois, cortadas em filetes estreitos e, finalmente, trançadas.

Figura 3 – Filetes de taquara sendo preparados para a produção de pulseiras, decoração de canetas e anéis no pátio da EIEF Fen'nó.



Fonte: Acervo da EIEF Fen'nó, 2018.

Originalmente, saias não eram utilizadas pelos Kaingang. Porém, a comunidade ressignificou seu figurino de festas e apresentações, situações em que as meninas costumam utilizar saias e os meninos, bermudas. Todos fazem pinturas corporais e utilizam adornos nestes momentos. Para tecer as saias que são utilizadas pelas meninas indígenas durante as apresentações da Semana Cultural, o falso caule de bananeira é utilizado.

Primeiramente, o falso caule é batido contra o solo para que o excesso de água presente na planta seja drenado e as fibras se desprendam, formando tiras, que são postas para secagem ao sol e depois de secas, são presas a um cordão, formando uma saia. O professor João Batista relatou a importância das oficinas de artesanato e da produção das vestimentas para a valorização da cultura indígena:

As roupas fazem parte do figurino para os grupos de dança da escola. Durante estas atividades, os estudantes trabalham em grupo recebendo orientações sobre organização para o trabalho, sustentabilidade da matéria-prima, trabalho artesanal enfim, valorização da história e cultura Kaingang (ANTUNES, 2013).

Figura 4 – Estudantes indígenas confeccionando as saias de tiras de bananeira na EIEF Fen'nó.



Fonte: Acervo da EIEF Fen'nó, 2018.

O cipó é utilizado como base na confecção de filtros dos sonhos, amuleto típico das comunidades indígenas norte-americanas que foi incorporado às oficinas devido à enorme demanda pelo produto. A comunidade do Toldo Chimbangue tece as tramas dos filtros dos sonhos com linha encerada de várias cores e acrescenta sementes e penas e plumas coloridas para decorá-los.

Porongos são utilizados pelos indígenas para a produção de chocalhos, instrumentos musicais muito utilizado durante as apresentações culturais. Segundo o professor indígena Girley Ribeiro: “O chocalho é para dar sinal ao pai e à mãe celestial que estamos rezando para vivermos bem. É um instrumento sagrado, que penetra no interior do pensamento e do coração

através do qual podemos aprender a respeitar a natureza” (BALLIVIÁN, 2011, p. 229).

A escola possui uma plantação de porongos nos seus arredores e os colhe quando atingem o ponto de maturação. Após a colheita, os porongos são deixados para secar e ficam prontos para serem usados durante as oficinas de artesanato. Depois de secos, nas oficinas, os porongos são abertos a partir de uma pequena cavidade na sua parte mais estreita, por onde são retiradas sua polpa e sementes. Após a limpeza, são introduzidos pela abertura feita no porongo grãos de milho ou feijão, geralmente, responsáveis pela produção sonora do chocalho.

Depois de limpos, os porongos são lixados, pintados, envernizados e decorados. Um cabo é encaixado na abertura feita para a limpeza, e fixado com linhas e/ou cola. Durante a Semana Cultural muitos chocalhos são utilizados por professores e estudantes indígenas durante as apresentações culturais de cantos e danças.

Figura 5 – Professor indígena confeccionando chocalho.



Fonte: Acervo da EIEF Fen'nó.

Penas e plumas tingidas com anilina e sementes de canela, ariticum, jacum, timbó, entre outras, coletadas conforme a época do ano são utilizadas para produzir brincos, colares e pulseiras. Segundo o professor indígena Girley Ribeiro, o colar “significa o fortalecimento do espírito e também para se ter atenção em todos os sentidos da vida dos antepassados e para mostrar a nossa identidade e a constelação do universo” (BALLIVIÁN, 2011, p. 229).

Atualmente, linhas enceradas de todas as cores também são utilizadas para a confecção de pulseiras e brincos pelos índios Kaingang da TI Toldo Chimbangue. Inclusive, estas linhas

já são consideradas como matéria-prima básica para as oficinas de artesanato na EIEF Fen'nó.

As pinturas corporais e os cocares são adornos muito frequentes nos momentos de apresentações e festas da Comunidade Kaingang da TI Toldo Chibangue. Nötzold afirma que o cocar é um dos artesanatos mais antigos utilizados por homens e mulheres Kaingang (NÖTZOLD, 2006). No entanto, a comunidade indígena do Toldo Chibangue tem debatido a respeito deste artefato, buscando determinar se este é ou não um objeto tradicional de sua cultura.

De qualquer forma, é possível perceber a presença de cocares sendo utilizados como adornos pelos alunos e membros da comunidade indígena na TI Toldo Chibangue durante os momentos de festa, luta, cerimônias ou apresentações culturais. É feito com penas, coloridas ou não, e pode ter diversos formatos.

Considerações finais

Com o avanço da colonização no Oeste Catarinense, os indígenas Kaingang da Terra Indígena Toldo Chibangue foram violentamente expulsos de suas terras ancestrais e alguns de seus costumes e práticas culturais foram abandonados ou enfraquecidos neste processo. A Semana Cultural Kaingang e Guarani, organizada anualmente pela Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'nó e pela comunidade do Toldo Chibangue, e as oficinas de artesanato que dela se originaram têm contribuído para o resgate e fortalecimento de um dos elementos mais marcantes da cultura indígena: o artesanato.

As oficinas de produção da cultura material indígena Kaingang inserem-se num conceito amplo de educação indígena, ligado à prática da vida e às necessidades da comunidade, tendo como principal consequência a valorização cultural e o fortalecimento das identidades indígenas.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, observaram-se quais objetos foram valorizados pela comunidade indígena Kaingang e escolhidos para ser produzidos nas oficinas de artesanato e quais as atividades desenvolvidas durante estas oficinas. Percebe-se uma alteração nas práticas artesanais da comunidade, fruto do contato com a sociedade ocidental industrializada, principal mercado consumidor de seu artesanato. Como exemplo destas alterações, pode-se citar os artefatos que perderam a sua finalidade original (como as armas utilizadas pelos Kaingang para caçar, pescar e guerrear), a utilização de tintas sintéticas, linhas

enceradas e a confecção de um artefato que tradicionalmente não era produzido pelos Kaingang: o filtro dos sonhos.

A comercialização dos artesanatos fez, sem dúvidas, com que importantes modificações ocorressem nos artefatos, como a alteração de algumas matérias-primas. O avanço dos não-indígenas sobre os territórios ancestrais Kaingang também resultou em mudanças ambientais, as quais forçaram outras mudanças, como o uso de outros processos de tingimento devido à escassez ou privação de matérias-primas necessárias à produção artesanal Kaingang.

Não se pretende defender a preservação integral de todos os aspectos da cultura indígena ancestral, porque os Kaingang não vivem de forma isolada e pelo fato de a própria cultura ser dinâmica e, portanto, em constante modificação mesmo quando não realiza contato direto com outras culturas. De fato, a produção da cultura material indígena Kaingang pela comunidade da TI do Toldo Chimbangue sofreu modificações importantes.

De qualquer forma, a alteração e a inovação no processo de criação do artesanato indígena sempre foi um processo dinâmico, de resignificação, com identidade, legitimidade adaptabilidade e criatividade próprias. Podemos esperar ainda mais adaptações e alterações das gerações futuras dos Kaingang que, ao modificarem seu modo de ver o mundo, modificarão também os artefatos que produzem.

Referências

- ANTUNES, João Batista. Histórico da Semana Cultural. **Escola Fen'nó**, Chapecó, 9 de maio de 2011. Disponível em: <http://escolafenno.blogspot.com/2011/05/historico-da-semana-cultural.html>. Acesso em: 10 de jun de 2019.
- ANTUNES, João Batista. Histórico da Semana Cultural. **Escola Fen'nó**, Chapecó, 31 de março de 2015. Disponível em: <http://escolafenno.blogspot.com/2015/03/i-semana-de-artesanato.html>. Acesso em: 10 de jun de 2019.
- ANTUNES, João Batista. Roupas de Bananeira para as Danças Kaingang. **Escola Fen'nó**, Chapecó, 8 de abril de 2013. Disponível em: <http://escolafenno.blogspot.com/2011/05/historico-da-semana-cultural.html>. Acesso em: 10 de jun de 2019.
- BALLIVIÁN, José M. P. Palazuelos (Org). **Artesanato Kaingang e Guarani**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Fen'Nó, uma guerreira: uma mulher, uma história, uma lenda**. 2014. Disponível em: www.cimi.org.br/site/pt-br/index.php?system=news&action=read&id=7391. Acesso em: 4 de jun de 2017.
- D'AMBROSIO, Uibiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- DARELLA, Maria Dorothea Post *et al.* (Org). **Kófa ag Jykre = Aprendendo com anciões: cadernos de relatos pedagógicos de professores Kaingang e Guarani no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: [s.n.], 2018.
- DIÁRIO DO GRANDE ABC. **Índios organizam protestos contra 500 anos de Brasil**. 28 de março de 2000. Disponível em: www.dgabc.com.br/Noticia/115528/indios-organizam-protestos-contr-500-anos-de-brasil. Acesso em: 15 de jun de 2019.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FRANÇA, William. **Índios realizam marcha inédita para contestar o Descobrimento**. 10 de abril de 2000. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/report_10.htm. Acesso em: 15 de jun de 2019.
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio. **Conferência Nacional dos Povos Indígenas**, em 21 de abril de 2000. Brasília – D. F. - Documento Final. Brasília: FUNAI/CGDTI, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura Material e Patrimônio Científico. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Org.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009, v. 1 p. 1-376.
- KOCH, Ingelore Starke (Org). **Brasil: Outros 500. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular**. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG, 1999.
- LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **Uma etnografia da Escola Indígena Fen'Nó à luz da noção de corpo e das experiências das crianças Kaingang e Guarani**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

PPP – **Projeto Político Pedagógico**. Escola Indígena de Ensino Fundamental Fen'no, 2018.

RCNEI. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RIBEIRO, Berta. **Dicionário de artesanato indígena**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EdUSP, 1998 (Coleção Conquista do Brasil 3, Série Especial, v. 4).

SAVOLDI, Adiles. Todo dia era dia de índio: manifestações culturais relativas à semana do dia do índio nas Terras Indígenas de Chapecó, Santa Catarina, Brasil. *In Arxiu d'etnografia de Catalunya*, v. 13, p. 253-272, 2013.

SAVORO, Talita Daniel; SILVA, Ninarosa Mozzato da; NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. Artesanato Kaingáng: entre usos e desusos da cultura material. **Cadernos do CEOM** (UNOESC), Chapecó, v. 24, p. 31-50, n. 2006.

Recebido em 29 de junho de 2021 | Aceito em 03 de setembro de 2021



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional